

## OLHARES

Rocha de Sousa

# Noronha da Costa Ser pela imagem a par das coisas

## A HISTÓRIA E AS VOZES

Os textos de apresentação entretanto publicados começam por sublinhar o significativo título desta exposição, entre dados históricos, técnicos e biográficos: “IMENSA SOLIDÃO DO MEU PASSADO – Obras de 76 aos nossos dias”. NC, insistindo neste seu critério conceitual e operativo de coerência, nesta incessante procura de elementos comuns, aproxima-se de nós e dele mesmo, viaja de longe até hoje, reincide na intrínseca continuidade que as formas exprimem, tão recorrentes como raras ou ensombreadas, envolvendo espaço, tempo, a cor e os seus desdobramentos lumínicos. Aqui se engendra a história de uma obra e as vozes que a têm envolvido segundo aproximações bem diversas.

No texto para a exposição, de Isabel Oliveira e Silva (IOS), pode ler-se que nele “a diversidade das obras (...) está bem representada nos seus meandros, (...) diferentes temáticas e feitas.” Esta questão pode parecer um lugar comum, aplicável a qualquer autor com razoável persistência da forma e diversidade de assuntos, não de temas. É um problema que se me coloca com frequência, a propósito deste importante autor, porque, em boa verdade, as suas especulações de fundo (temático) envolvem continuamente o espaço, o tempo, e as várias incertezas do ver, fora ou dentro da representação.

agir, em termos de razão e cultura ou gosto, numa perspetiva pessoal, através do seu próprio imaginário, em particular quando as obras são tratadas segundo conceitos de abertura. NC não evoluiu numa coerência constante de índole paisagística, problematizando apenas os termos rítmicos do fazer e da perceção no conjunto. E já pintou grandes ondas do mar em rebentação, montanhas e céus tormentosos. Mas nunca essas realidades nos foram apresentadas tão só em si. Estiveram sempre ligadas a cromatismos não veristas



**A estranheza da  
invenção em Noronha  
da Costa impele  
muitos admiradores  
e críticos a inventar  
mais do que ele**

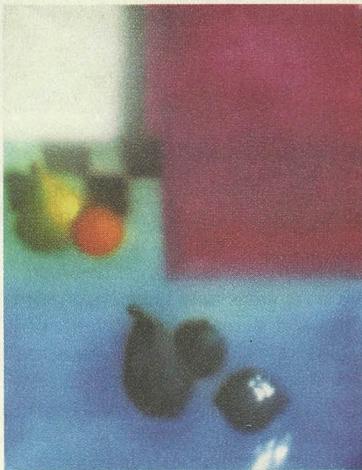
e a interrupções paralelas à perpendicularidade das telas – os tais ecrãs, algo que não pertencia às paisagens mas a uma implícita forma plástica capaz de infligir danos (ou novas qualidades) à perceção. E daí à conceção das coisas do mundo.



◀ O que me perturba de cada vez que revisito a pintura de Noronha da Costa (NC), começando duas ou três décadas atrás, desde 70, é que não se enleia em desfocagens e desentendimentos perceptivos. Não desconheço a técnica nem o peso emotivo de escolhas desconstruídas, a luz em plena noite. Mas ali o visível é intercalado em neblinas foscas ou ecrãs de vidro meio baço, ou tudo se liberta sem que se saiba porquê, entre memórias e presenças. Como alguém disse, a obra deste pintor está e não está onde está. E ele mesmo nos diz que não se pode entender sem se embrenhar na imensa solidão do seu passado, a mesma que vai a par das coisas e não seguindo-as.

Quando leio tais desassombros, vendo as figuras de nada refletidas numa dimensão vítrea, à frente das montanhas e sentadas no chão como verde plácido, vejo a par apenas aquela breve nuvem que já aconteceu. E o que ali acontece pode refletir a viagem paralela de gente meio desfocada em velhas fotografias de lugares impensáveis assim. O protoplasma delas emerge porventura daquela “imensa solidão” do passado que Noronha convoca para nos dizer a vida das coisas e do ser enquanto elas se conservam na memória de antes, perto dos passos de agora.

É esta questão que me envolve em perplexidade e reconhecimento. Porque, embora sem recorrer às suas técnicas bem apropriadas (para a conservação de si a par das



Pintura de Noronha da Costa **Exposição na Galeria de São Mamede**

coisas), o problema que se lhe coloca sempre me habitou, na pintura ou na escrita, porque estão enganados os que julgam encontrar-se separados dos olhares e desdenham dos seus antigos apelos, da sua memória, de tudo o que a carrega e que Juan Gris associava à própria qualidade do artista.

Talvez não sejam por acaso, ou por mero expediente, as exposições sucessivas que NC realiza hoje, sem cronologia perfeita, mas baseadas em recomeços a partir dos anos 70. O que aconteceu nos anos 70, poderá ele querer dizer, já não está presente agora, ou está ainda mas também no devir, contemplável perante a coerência do que aconteceu apenas ontem.

Não importa que o nosso confronto perceptivo se realize com frutos de uma hipotética natureza morta (clara nomeação em termos de assunto); importa sobretudo porque razão o espaço é dividido em cima e em baixo, um ecrã avermelhado no primeiro caso, o visível desfocado, e um plano horizontal no segundo caso, apoiando frutos cujo tom escuro esconde a sua identidade cromática. Ao longe, à esquerda, outros frutos têm cores plausíveis e o plano azul, porventura em perspetiva, abaixo do nosso olhar, padece de tanto desfoque como as outras coisas, o que nem sempre acontece nas suas propostas. Por vezes, o que nos é dado ver, o que nos é dado ver claramente, espreguiça-nos no vazio, com uma parte sua diluída atrás de qualquer cortina translúcida.

No todo dessa hipotética pintura, a distância dos céus também pode dividir-se em nitidez e desfocagem. O tema não são as figuras, os acidentados acontecendo, aí residem o ou os assuntos: o tema está antes e além disso, quer inclua cores de poente, negros afogando o chão, e uma qualquer figurinha meio submersa na sombra crescente. A representação inusitada, mulher de pé, sem voz, absorve o lado anedótico do todo, concentra algo de reconhecível, passa à condição de assunto.

#### **OUTRAS FORMAS DE LER**

É verdade, necessariamente, que entre tudo isto há muitos caminhos de leitura possíveis. Quem contempla um quadro é levado a

A estranheza da invenção em Noronha da Costa impele muitos admiradores e críticos a inventar mais do que ele: se “ele está e não está onde está”, parece pouco razoável aplicar-lhe filiações, como aparenta reconhecer IOS, no texto do catálogo; mas a força poética que o pintor imprime aos seus quadros, atmosferas densas, mares turbulentos e sombrios, indiciando caminhos de teor romântico, tudo é em parte condicionado por valores mais abrangentes, de certa sensorialidade entre imagináveis sinais da música em solidão, por exemplo. E logo o clima surreal é evocado. As estéticas do romantismo alemão. Magritte. O gosto por Spilliaert, ou Hopper, ou Nolde e Rothko.

Mas não é preciso evocar tais hipóteses por vezes tão pouco condizentes, como Magritte, para reconhecer, além da paisagem plástica, um sentimento de solidão, alguma deriva simbolista e até musical, apeteendo aspirar memórias dos trajectos ontológicos num saber da infinitude finita de muitos quadros deste artista, onde por vezes ele desesperadamente aplicou relevo matérico à tela na qual tudo se esfumava numa distância atmosférica. ■

#### **► Noronha da Costa NA IMENSA SOLIDÃO DO MEU PASSADO**

Galeria S. Mamede, rua da Escola Politécnica, 167, Lisboa, até 23 de fevereiro. Horário: de 2ª a 6ª feira, das 11 às 20h. Sábado: das 11h às 19h